

# MÁRIO DIONÍSIO

Escritor

1916-1993



COMISSÃO MUNICIPAL DE TOPONÍMIA

Outubro 2016



From 'no  
42

A atribuição do nome de Mário Dionísio a uma rua da cidade de Lisboa é um testemunho do reconhecimento pela Câmara Municipal de Lisboa da grandeza de Mário Dionísio, como escritor, como artista plástico e como cidadão.

Poeta, ficcionista, ensaísta, pintor e crítico de arte, Mário Dionísio foi um dos mais importantes teorizadores do movimento neo-realista, evidenciando a sua obra literária e artística uma grande capacidade criadora, a par de uma notável cultura e exigência cívica.

Tanto na poesia como na ficção, a sua obra, vasta e diversificada, alia uma espécie de pano de fundo impregnado dos pressupostos estéticos e ideológicos inscritos no neo-realismo com uma nítida renovação.

Tendo sido um opositor activo ao regime salazarista, é de realçar a sua constante intervenção na vida cultural lisboeta e nacional, revelando uma forte coerência com a ética, princípios e valores que defendia e que pautaram a sua vida.

A Câmara Municipal de Lisboa, por edital de 1 de Agosto de 2005, e a Cidade de Lisboa, prestam, assim, o seu tributo e homenagem a Mário Dionísio, enriquecendo a nossa memória individual e colectiva.

Lisboa, outubro de 2016

Catarina Vaz Pinto

Vereadora da Cultura da Câmara Municipal de Lisboa





MÁRIO DIONÍSIO

1916-1993

*Viva confiança  
na mesma esperança  
mais viva e esperança  
cada dia. <sup>1</sup>*

Mário Dionísio de Assis Monteiro, professor e poeta, artista plástico, nasceu em Lisboa a 16 de julho de 1916 na Rua Andrade <sup>2</sup>, aos Anjos. O pai, Eurico Rogero Monteiro, trabalhou por algum tempo no comércio, na retrosaria do avô, antes de ingressar no exército como oficial miliciano. A mãe, Maria Julieta Goulart Parreira Monteiro, residia ao Saldanha, e possuía o Curso Superior de Piano do Conservatório Nacional de Música.

À época as gentes que habitavam à Almirante Reis e ao Saldanha possuíam características sociais bem distintas, oscilando entre uma população bairrista e popular, e uma outra burguesa e mais abastada. O jovem Mário conviveu com estas duas realidades, confessando mais tarde que esta vivência foi importante para a sua vida futura. Mário tinha 11 anos quando o pai morreu em Tete, Moçambique,



(1) Do poema *Quotidiano* em *As Solicitações e as Emboscadas*, 1945.

(2) O topónimo Rua Andrade foi atribuído por deliberação camarária de 10/11/1892, na freguesia de Arrois, antiga Anjos.

onde estava em comissão de serviço, altura em que o jovem vivia com o avô paterno, na Avenida Almirante Reis <sup>3</sup>. A mãe ajudava a família dando lições de piano, vindo a falecer poucos anos depois, em 1933. Iniciou os estudos em casa, com uma professora particular. Frequentou o Liceu Camões <sup>4</sup>, ao qual voltou anos mais tarde, em 1958, como professor do ensino secundário, aí lecionando ao longo de mais de vinte anos. Devido a uma reforma do ensino foi transferido do Liceu Camões para o Liceu Gil Vicente <sup>5</sup>, onde, aos 17 anos, em conjunto com um colega, organizou o primeiro e único número da revista Prisma.

Sobre o ensino: “*ensinar de verdade (forma excelsa de comunicação), reaprender sempre a ensinar, ensinar a ensinar.*” <sup>6</sup>

Em 1933 Mário Dionísio ingressou na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde se licenciou em Filologia Românica. Destinado ao Direito pela família, o infortúnio da orfandade permitiu-lhe optar pelo estudo das Letras, de que tanto gostava. Na sua *Autobiografia*, confessou o orgulho de ter sido o primeiro na faculdade, corria o ano de 1938, a pronunciar em sessão pública o nome de Fernando Pessoa<sup>(7)</sup>, de quem pouco se falava, no âmbito do seu tema de licenciatura, «Introdução à leitura de Ode Marítima».

---

(3) O Almirante Carlos Cândido dos Reis foi homenageado na toponímia de Lisboa, por edital de 05/11/1910. A rua prolonga-se pelas freguesias Areeiro e Arroios, antigas Alto do Pina, Anjos, São Jorge de Arroios e São João de Deus.

(4) Luís de Camões foi homenageado pela CML, na freguesia da Misericórdia, antiga Encarnação, por edital do Governo Civil de 12/10/1860. Vinte anos mais tarde, a então Câmara de Belém homenageou o poeta por deliberação camarária de 20/05/1880, atribuindo o seu nome a um arruamento na freguesia de Alcântara.

(5) Gil Vicente foi homenageado na toponímia de Lisboa, na freguesia de Alcântara, por edital de 08/07/1892.

(6) Em *Autobiografia de Mário Dionísio*, 1986.

(7) Fernando Pessoa foi homenageado na toponímia de Lisboa, na freguesia de Alvalade, antiga Campo Grande, por edital de 19/07/1948.



Sobre a escrita: *“Não desanimes, não desistas, não te perturbes com a indiferença dos outros, não te entusiasmes com os aplausos dos outros. Escreve! Escreve!”* <sup>8</sup>

Durante a sua época de estudante universitário, Mário Dionísio intensificou a actividade política assumindo a sua oposição ao regime salazarista. Deu o seu contributo pessoal a órgãos de comunicação antifascistas, entre os quais o jornal ilegal *Barricada*, e a movimentações estudantis no sentido da criação de uma associação de estudantes, aspiração que nunca foi conseguida.

*A poesia está na luta dos homens,  
Está nos olhos abertos para amanhã.* <sup>9</sup>



(8) Em *Autobiografia de Mário Dionísio*, 1986.

(9) Do poema *Arte poética*, em *Com todos os homens na estrada do mundo*, 1936/38.

Anos mais tarde, em 1978, foi convidado a lecionar como professor associado na Faculdade de Letras, onde regeu a cadeira de Técnicas de Expressão do Português até à sua aposentação. A sua última lição teve lugar a 5 de março de 1986 no Anfiteatro I da faculdade, repleto de estudantes e colegas, e versou o tema “Língua, Linguística e Técnicas de Expressão”.

As preocupações sociais e políticas ocuparam grande parte da sua vida, encontrando eco na sua vida artística. Em 1935 entrou para a redacção do jornal *Liberdade*, no mesmo dia em que Álvaro Cunhal<sup>10</sup> o fez. Na década de 40 participou em algumas conferências, interrompidas por grupos policiais. Organizou as Exposições Gerais de Artes Plásticas, a primeira das quais teve lugar em 1946. Participou em 1947, na segunda EGAP, sob o pseudónimo de José Chaves, que foi encerrada pessoalmente pelo Ministro do Interior, Cancela de Abreu, acompanhado pela polícia política do regime, a PIDE. O seu quadro constava entre os apreendidos. Entretanto juntou-se ao Partido Comunista Português, no qual militou até 1952, tendo, contudo, confessado na sua *Autobiografia* que abandonou a actividade partidária por não conseguir conciliá-la com a actividade no campo das Artes. Todavia, empenhou-se pessoalmente na “Revolução dos Cravos” com a publicação em jornais de textos de cariz ideológico e político. Foi presidente da Comissão de Estudos da Reforma Educativa, da Comissão Coordenadora dos Textos de Apoio e membro da Comissão de Saneamento do Ministério da Educação e Cultura. Entre Dezembro de 1975 e Março do ano seguinte foi Director de Programas da Rádio Televisão Portuguesa.

Sobre o 25 de Abril de 1974: *“Anos e anos de crime, digamos o que dissermos, consentido. Até ao amanhecer: aqui, posto de comando das*

---

(10) Álvaro Cunhal foi homenageado na toponímia de Lisboa, na freguesia do Lumiar, por edital de 06/10/2005.

*Forças Armadas. Escancarado o portão de Caxias. O regresso dos exilados perante mares de gente gritante e confiante, até parecia um povo. O primeiro 1º de Maio em liberdade, nas ruas, nas janelas, nos andaimes dos prédios em construção. Seria mesmo um povo?”* <sup>11</sup>



Voltemos à sua produção literária. Depois da revista *Prisma* do Liceu Gil Vicente, em Évora começou cedo a colaborar com o jornal liceal, *O Corvo*. De volta a Lisboa colaborou com o semanário *Liberdade*, entre outras publicações, sendo os seus textos objecto da censura instituída à época.

O seu primeiro livro de poesia foi editado em 1935, pela revista *Momento*, obra renegada mais tarde pelo autor, bem como outras obras da sua juventude.

---

(11) Em *Autobiografia de Mário Dionísio*, 1986.

O ano de 1939 foi marcante na vida de Mário Dionísio. Terminou a licenciatura em Filologia Românica. Casou com Maria Letícia Reis Clemente da Silva, sua companheira de estudos e de sempre, vindo a fixar residência na Rua Elias Garcia <sup>12</sup> nas Avenidas Novas. Nesse mesmo ano adoeceu e foi internado no Grande Hotel Sanatório do Caramulo.

O poeta teve que interromper o tratamento por razões económicas voltando a Lisboa. A doença arrastou-se por três longos anos, “a sua esposa era quem lhe inventava a esperança”. Foi durante esse período que começou a pintar, sem nunca deixar de escrever.

Sobre o Neorrealismo: *Seria a voz duma classe em ascensão, de um mundo (um homem) necessariamente novo, que, como tal, teria de integrar toda a herança do passado, incluindo a da própria classe a que se opunha.* <sup>13</sup>

Mário Dionísio foi uma figura fundamental do movimento artístico neorrealista <sup>14</sup>, o qual despontou em Portugal na década de 40 do século passado. Foi um dos poetas ligados à coleção de referência do neorrealismo português, «Novo Cancioneiro»<sup>15</sup>. É de sua autoria o segundo volume da coleção, *Poemas*. Data de 1945, a publicação do livro de poemas *As solicitações e as Emboscadas*, com o qual pros-

---

(12) Elias Garcia foi homenageado na toponímia de Lisboa, na freguesia das Avenidas Novas, antiga Nossa Senhora de Fátima, por edital de 05/11/1910.

(13) Em *A Autobiografia de Mário Dionísio*, 1986.

(14) O Neorrealismo português foi uma corrente literária que assumiu uma matriz de intervenção social, sempre em defesa do povo, e que teve como pedra basilar a atração exercida pelo marxismo no pós-guerra. Em Portugal revia-se na contestação ao regime salazarista, e a sua produção poética encontrou-se ligada ao grupo do «Novo Cancioneiro», a que pertenceram, entre outros, Manuel da Fonseca, Mário Dionísio e Fernando Namora.

(15) O «Novo Cancioneiro» foi um conjunto de dez livros de poemas, publicados entre 1941 e 1944 em Coimbra, que constituíram a primeira manifestação do Neorrealismo literário em Portugal. Foi considerado por Eugénio Lisboa, “o órgão oficial do neo-realismo poético”.

seguiu o seu percurso de teórico do neo-realismo, complementado com entrevistas e publicação de ensaios.

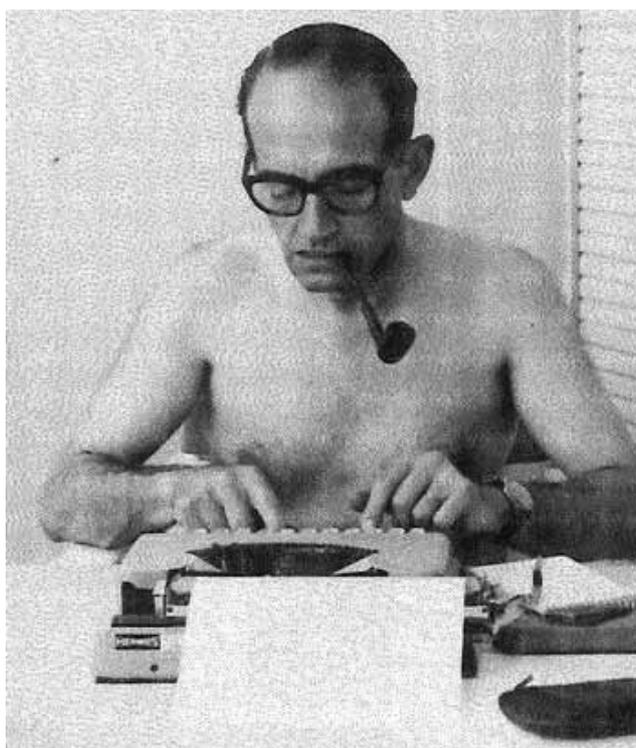
A sua poesia distingue-se pela linguagem simples e directa. Mário Dionísio foi um poeta de intervenção, imprimindo na sua obra o optimismo idealizado de um Homem em permanente evolução social, não facilitada mas difícil, de luta.

A sua visão do neo-realismo cedo divergiu da dominante, institucionalizada. Participou em várias polémicas, procurando sempre outros caminhos, evoluindo com o tempo e as mudanças sociais, políticas e estéticas.

Em 1950 publicou *O Riso Dissonante*. Já em 1966 saiu a coletânea *Poesia Incompleta*, a qual incluía alguns títulos entretanto publicados, bem como alguns inéditos, iniciando-se a publicação de *Obras de Mário Dionísio*, nas Publicações Europa-América.

Em 1937 Mário Dionísio continuou a sua colaboração com a imprensa escrita, no semanário *O Diabo*, onde começou a fazer crítica literária, tendo sido seu diretor, embora não oficialmente, por problemas com a censura. Iniciou uma colaboração esporádica com o *Diário de Lisboa*, a qual se tornou permanente de 1963 a 1968, altura em que abandonou o diário, para, em conjunto com outros colaboradores (diretores), fundar *A Capital*.

A partir de 1939, Mário Dionísio disponibilizou à revista *Seara Nova* a sua inteligente e contundente crítica literária, numa coluna que mais tarde intitulou “Ficha”, datando a primeira de fevereiro de 1942. A colaboração cessou abrupta-



mente quando, após uma polémica com João Pedro de Andrade, a revista se recusa a publicar a sua «Ficha 14», a qual o poeta publica de mote próprio no ano seguinte, 1944.

Promoveu uma colaboração regular em jornais e revistas literárias, tais como, *O Diabo*, *Presença* (com a qual colaboraram alguns jovens neorrealistas), *Altitude*, *Revista de Portugal*, *Seara Nova* (a convite de António Sérgio) <sup>16</sup>, *Sol Nascente* (onde publica, em 1938, o artigo «Apontamento sobre a necessidade de ver claro» que anuncia a sua visão diferente do neorrealismo), *Vértice* (dirigida por um grupo de jovens neorrealistas de Coimbra), *Gazeta Musical e de todas as Artes*, *Ler*, e nos últimos anos o *Jornal de Letras*. Da sua extensa obra literária constam também ensaios, entrevistas, estudos e prefácios críticos.

*Eu e a tela frente a frente nos medimos.* <sup>17</sup>

Mário Dionísio também se destacou nas Artes Plásticas. Foi um crítico de arte reconhecido, valorizando os vários aspetos da criação artística, não abdicando dos seus princípios neorrealistas. Como pintor integrou várias exposições coletivas a partir de 1947. Tinha um certo pudor em expor individualmente, e só em 1989 o faz, pela primeira vez, na Galeria Nasoni, em Lisboa, e de seguida no Porto. Até 1993 seguir-se-iam outras.

A sua pintura inicial foi fortemente influenciada pelo neorrealismo de inspiração socialista, evoluindo a partir de 1963 para o abstracionismo, com a exceção de 3 retratos de amigos poetas, Carlos de Oliveira <sup>18</sup>, João José Cochofel <sup>19</sup> e José Gomes Ferreira<sup>(20)</sup>. Em 1965

---

(16) António Sérgio foi homenageado na toponímia de Lisboa, na freguesia de Santa Clara, antiga Ameixoeira, por edital de 23/04/1980.

(17) Em “Poema 74” de *Memória de um Pintor Desconhecido*, 1965.

(18) Carlos de Oliveira foi homenageado na toponímia de Lisboa, na freguesia de São Domingos de Benfica, por edital de 04/12/1981.

(19) João José Cochofel foi homenageado na toponímia de Lisboa, na freguesia do Marvila, por edital 04/05/2011.

publicou o livro de poemas *Memória de um Pintor Desconhecido*, que muitos consideram autobiográfico. A sua pintura, pela qual recebeu o troféu «Pintor do Ano» da *Antena 1* em 1988/1989 está representada no Museu Abel Manta<sup>(21)</sup>, em Gouveia, e exposta fundamentalmente na Casa da Achada-Centro Mário Dionísio.

No campo do ensaio destaca-se um estudo sobre a pintura, do século XVIII aos nossos dias, intitulado *A Paleta e o Mundo* (2 volumes, 1956/1962), no qual condensou a sua actividade ensaística e crítica. A obra mereceu o Grande Prémio de Ensaio da Sociedade Portuguesa de Escritores. O poeta integrou ainda, ao longo dos anos, vários júris nacionais e internacionais para atribuição de prémios literários e artísticos.

Sobre a crítica: *Passou a ser o meu dever, a minha obrigação, a minha actividade número um, a minha canga.* <sup>22</sup>

Mário Dionísio publicou a sua *Autobiografia* em 1987, na qual revê as suas memórias e nos oferece uma retrospectiva abrangente da sua vida, desvendando ao leitor aspetos menos conhecidos da sua vivência como professor, poeta, pintor e político. Faleceu a 17 de Novembro de 1993, aos 77 anos, em Lisboa.

É vasta a lista dos poetas e escritores homenageados na toponímia lisboeta. De Luís de Camões a Fernando Pessoa, de Ferreira de Castro<sup>23</sup> a Júlio de Castilho <sup>24</sup>, a cidade sempre se pautou por destacar aqueles que engrandeceram o país pela palavra escrita.

---

(20) José Gomes Ferreira foi homenageado na toponímia de Lisboa, na freguesia de Campo de Ourique, antiga Santa Isabel, por edital 21/02/1985.

(21) Em *A Autobiografia de Mário Dionísio*, 1986.

(22) Em *A Autobiografia de Mário Dionísio*, 1986.

(23) Ferreira de Castro foi homenageado na toponímia de Lisboa, na freguesia da Marvila, por edital de 28/02/1984.

(24) Júlio de Castilho foi homenageado na toponímia de Lisboa, na freguesia do Lumiar, por edital de 02/03/1925.

No seguimento dessa tradição enraizada, a Câmara Municipal de Lisboa, por edital de 1 de agosto de 2005, prestou homenagem a Mário Dionísio, figura ilustre das Letras portuguesas, que dignificou a cidade, especialmente pelo seu trabalho de professor no Liceu Camões e na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, atribuindo o seu nome a um arruamento da freguesia do Lumiar, onde tem a companhia toponímica de outros poetas e escritores, entre os quais David Mourão-Ferreira <sup>25</sup>, Eugénio de Andrade <sup>26</sup>, Fernando Namora <sup>27</sup> e José Cardoso Pires <sup>28</sup>.

---

(25) David Mourão-Ferreira foi homenageado na toponímia de Lisboa, na freguesia do Lumiar, por edital 18/11/2003.

(26) Eugénio de Andrade foi homenageado na toponímia de Lisboa, na freguesia do Lumiar, por edital de 06/10/2005.

(27) Fernando Namora foi homenageado na toponímia de Lisboa, na freguesia da Carnide e Lumiar, por edital de 17/07/1990.

(28) José Cardoso Pires foi homenageado na toponímia de Lisboa, na freguesia do Lumiar, por edital de 18/11/2003.



## OBRA

### **Poesia**

- *Poemas* (1941)
- *As Solicitações e Emboscadas* (1945)
- *O Riso Dissonante* (1950)
- *Memória Dum Pintor Desconhecido* (1965)
- *Poesia Incompleta* (1935-1965)
- *Le Feu qui Dort* (1967)
- *Terceira Idade* (1982), Prémio do Centro Português da Associação Internacional de Críticos Literários, ex-aequo com uma obra de Alexandre O'Neill) <sup>29</sup>

### **Ficção**

- *O Dia Cinzento e outros contos* (1967)
- *Não Há Morte Nem Princípio* (1969)
- *Monólogo a Duas Vozes* (1986)
- *A Morte é Para os Outros* (1988)

### **Ensaio e polémica**

- *Ficha 14* (1944)
- *Vincent Van Gogh* (1947)
- *XVI Desenhos de Júlio Pomar* (1948)
- “Guilherme de Azevedo” (1949), in *Perspectiva da Literatura Portuguesa do Século XIX*
- *Introdução à Pintura* (1963)
- *A Paleta e o Mundo* (1956, primeiro volume)



(29) Alexandre O'Neill foi homenageado na toponímia de Lisboa, na freguesia da Ajuda, por edital de 03/11/1986.

- *Encontros em Paris* (1951, entrevistas com personalidades várias)
- *Conflito e Unidade da Arte Contemporânea* (1958)
- *A Paleta e o Mundo* (1956-1960, 2 volumes)
- *A Paleta e o Mundo* (1962, nova edição em 5 volumes, Grande Prémio de Ensaio, da Sociedade Portuguesa de Escritores em 1963)
- *Autobiografia* (1987)

### **Estudos e prefácios críticos**

- Fonseca, M. da, *Poemas Completos*, (1963) de Manuel da
- *Casa na Duna*, de Carlos de Oliveira (1963)
- *Barranco de Cegos*, de Alves Redol (1970)
- *Poeta Militante I*, de José Gomes Ferreira (1977)
- *O Mundo dos Outros*, de José Gomes Ferreira (1978)
- *O Anjo Ancorado*, de José Cardoso Pires (1985)
- *Mensagem*, de Fernando Pessoa (1985)
- *Júlio Pomar* (1990)



## BIBLIOGRAFIA

- Dionísio, M. (1982) *Poesia Incompleta*, Mem Martins: Europa-América.
- Dionísio, M. (1987) *Autobiografia*, Lisboa: O Jornal.
- *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Lisboa, Rio de Janeiro: Enciclopédia, [195-]
- *Casa da Achada – Centro Mário Dionísio*, Disponível na www: <URL: [http://www.centromariodionisio.org/mario\\_dionisio.php](http://www.centromariodionisio.org/mario_dionisio.php)
- *Neo-realismo*, Disponível na www: <URL: <http://www.instituto-camoes.pt/cvc/literatura/neorealismo.htm>
- *Instituto Português do Livro e das Bibliotecas*, Disponível na www: <URL: [http://www.iplb.pt/pls/diplb/!get\\_page?pageid=402&tpcontent=FA&idaut=1695910&idobra=&format=NP405&lang=PT](http://www.iplb.pt/pls/diplb/!get_page?pageid=402&tpcontent=FA&idaut=1695910&idobra=&format=NP405&lang=PT)



## FICHA TÉCNICA

Edição | Câmara Municipal de Lisboa

Presidente | Fernando Medina

Pelouro da Cultura | Catarina Vaz Pinto

Direção Municipal de Cultura | Manuel Veiga

Departamento do Património Cultural | Jorge Ramos de Carvalho

Título | Mário Dionísio

Textos | António Adriano

Design | Ernesto Matos

Tiragem | 250

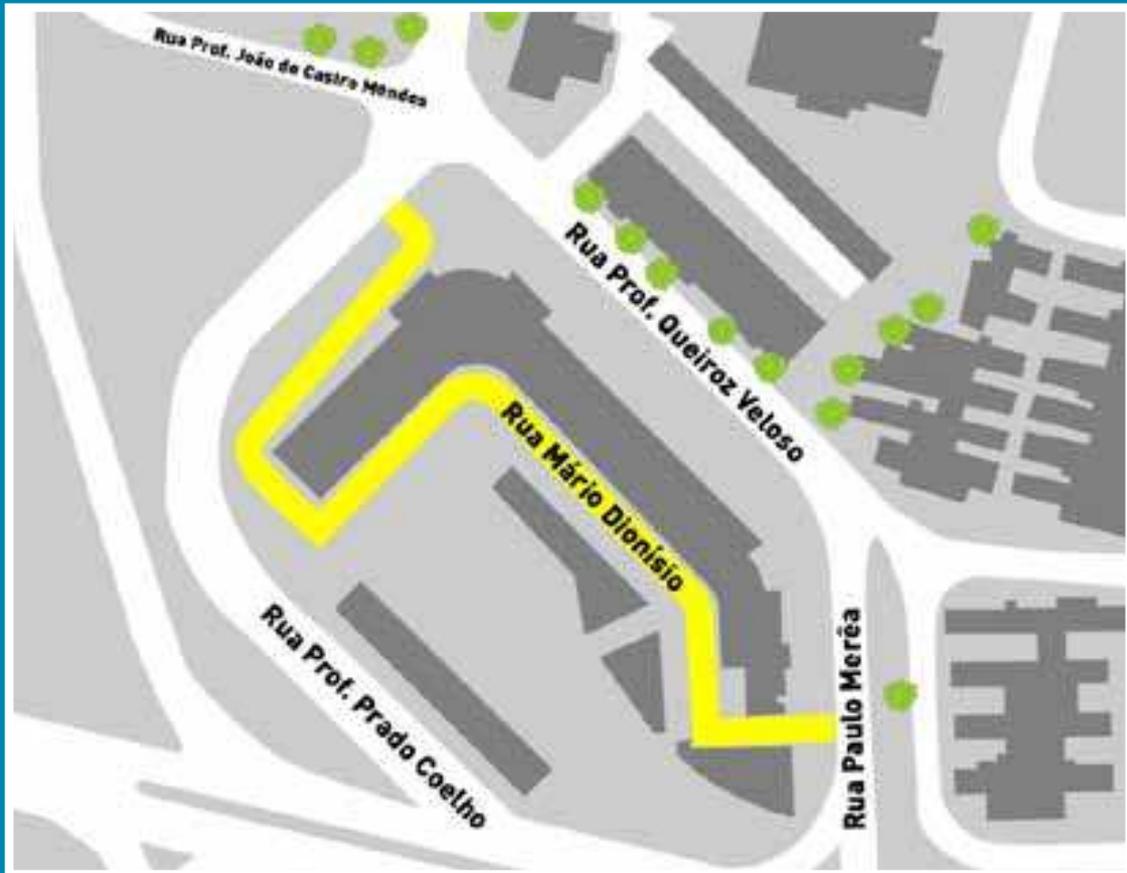
Ano | 2016

Depósito Legal | 416666/16

Execução gráfica | Imprensa Municipal de Lisboa

Agradecimentos | À Dra. Eduarda Dionísio pela cedência de notas biográficas e fotos

# RUA MÁRIO DIONÍSIO



Latitude: 38.763976  
Longitude: -9.171473



**LISBOA**  
CÂMARA MUNICIPAL

· COMISSÃO ·  
MUNICIPAL ·  
· TOPONÍMIA ·